

## **“O que trouxemos de lá – Missão Científica de Pesquisadores do Projeto AfroIF - Articulando Saberes NEABI/IFSP e Moçambique**

Enquanto nos Estados Unidos vigoraram até 1965 as leis de segregação racial conhecidas como leis de Jim Crow — que formalizavam o racismo antinegro, negando direitos civis fundamentais à população afro-americana, incluindo o acesso à educação e ao transporte público —, e na África do Sul o apartheid foi imposto pelo governo de minoria branca entre 1948 e 1994, restringindo a mobilidade da população negra e segregando escolas, hospitais e áreas residenciais, o Brasil desenvolveu um sistema de racismo com características distintas.

Na sociedade brasileira, o “mito da democracia racial” — conceito elaborado por elites intelectuais após a Abolição da escravidão em 1888 e difundido por teorias como as de Gilberto Freyre — disfarça um racismo que se manifesta de forma sutil e subjetiva. Esse racismo encoberto se expressa por meio de micro agressões, como olhares, perguntas descabidas e expressões carregadas de preconceito. Embora aparentemente inofensivas, essas atitudes refletem estereótipos e desigualdades profundamente enraizadas no imaginário da sociedade brasileira, impactando negativamente as pessoas negras e perpetuando visões estigmatizadas sobre elas.

Em setembro de 2024, promovendo uma educação antirracista, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), por meio de apoio de emenda parlamentar da Deputada Luiza Erundina organizou uma missão científica a Moçambique, composta por 17 pesquisadores negros e negras. A expedição, que incluiu visitas a Chimoio, capital da província de Manica, e a Maputo, capital do país, teve o objetivo de fortalecer parcerias e promover trocas de saberes com universidades moçambicanas, como a Universidade de Púnguè, a Universidade de Chimoio, a Universidade Pedagógica de Maputo e a Universidade Wutivi.

Durante duas semanas de intensas experiências e vivências, a missão envolveu-se em uma imersão acadêmica, com aulas, palestras, reuniões, seminários e momentos de convivência com pesquisadores, estudantes e gestores moçambicanos, em um país majoritariamente negro e de rica diversidade étnica e cultural.

Moçambique é um país multiétnico com aproximadamente 33 milhões de habitantes, segundo o Inquérito Demográfico e de Saúde (IDS 2022–23), dos quais 51,4% são mulheres; 62,4% da população vive em áreas rurais e cerca de um terço em cidades e vilas costeiras. O país ocupa atualmente a 22ª posição entre as economias africanas mais desenvolvidas, segundo dados do Banco Mundial. Situado na costa oriental da África

Austral, Moçambique faz fronteira ao norte com a Tanzânia, a noroeste com Malawi e Zâmbia, a oeste com Zimbábue, África do Sul e Eswatini, e ao sul com a África do Sul. Banhado pelo Oceano Índico e com uma extensa linha costeira de mais de 2.500 km, o país se posiciona como um ponto estratégico de conexão entre o interior africano e o Oceano Índico. Sua localização geográfica privilegiada tornou Moçambique um ponto de encontro de diversas culturas — dos povos Bantu da África Central aos árabes, indianos e europeus —, consolidando-o como um centro de conexões e trocas econômicas no continente.

Assim como o Brasil, as relações raciais em Moçambique foram profundamente influenciadas pelo colonialismo. Colonizado pelo Império português especialmente a partir da Conferência de Berlim (1884-1885), Moçambique vivenciou uma intensa resistência anticolonial, culminando na independência em 1975. Contudo, a paz demorou a se estabelecer. A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) assumiu o governo do país recém-independente, centralizando o poder e adotando uma orientação marxista-leninista alinhada ao bloco socialista, incluindo a União Soviética e Cuba. Esse alinhamento, no contexto da Guerra Fria, gerou oposição, consolidada pela Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), apoiada pelos Estados Unidos e pelo regime de apartheid sul-africano, que buscava desestabilizar governos socialistas na região.

O conflito civil (1976-1992) entre a FRELIMO e a RENAMO devastou o país, causando grande violência e deslocamentos em massa. Tentativas de paz ocorreram ao longo da década de 1980, mas o conflito se intensificou após a morte de Samora Machel, o primeiro presidente moçambicano, em um suspeito acidente aéreo em território sul-africano, em 1986. Em 1992, depois de dezesseis anos de combates, foi assinado o Acordo Geral de Paz, marcando um compromisso entre a FRELIMO e a RENAMO. A Organização das Nações Unidas (ONU) destacou uma missão de paz para garantir a estabilidade até as primeiras eleições multipartidárias de Moçambique, em 1994. Desde então, o país tem registrado avanços importantes, incluindo a instauração do multipartidarismo e a consolidação do Estado democrático de direito.

Em outubro de 2024, Moçambique realizou eleições gerais para eleger o presidente da República, deputados e, em algumas províncias, governadores. Entre os candidatos presidenciais estavam Daniel Chapo, da FRELIMO, partido no poder; Ossufo Momade, da RENAMO, principal partido de oposição; Lutero Simango, do MDM, terceira força parlamentar; e Venâncio Mondlane, do Podemos. Após um processo de votação marcado por denúncias de irregularidades, o país ainda aguarda a definição do vencedor.

A missão científica do IFSP, que vivenciou in loco as contradições e avanços desse país multifacetado e que guarda laços culturais, sociais e históricos com o Brasil, foi organizada pelo Projeto AfrolF - Articulando Saberes, com apoio do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) do IFSP. O Neabi promove o estudo e a valorização

das culturas afro-brasileira e indígena, defendendo a equidade racial e étnica. Fundado em sintonia com políticas públicas de inclusão e diversidade no Brasil, o Neabi busca combater o racismo no ambiente educacional e fortalecer a cooperação Sul-Sul entre países do hemisfério sul.

A cooperação entre Brasil e Moçambique no contexto Sul-Sul permitiu que os pesquisadores do IFSP trocassem conhecimentos fundamentais sobre educação inclusiva e antirracista. Entre as visitas realizadas, destacam-se locais como a Área de Conservação de Chimanimani, localizada no distrito de Sussundenga, na província de Manica, e o bairro histórico de Mafalala, em Maputo, conhecido por abrigar artistas, intelectuais e líderes políticos.

Ao contrário do que muitas vezes imaginamos, a expedição científica de pesquisadores brasileiros a países descritos como “em desenvolvimento” ou “menos desenvolvidos”, como Moçambique, oferece a oportunidade de aprender sobre uma rica diversidade cultural e uma história complexa, desconstruindo visões estereotipadas sobre o continente africano e suas relações com o Brasil, além de enriquecer a perspectiva antirracista no meio acadêmico e científico. Como alerta a escritora Chimamanda Ngozi Adichie em sua palestra “O Perigo de uma História Única,” as narrativas únicas ocultam a multiplicidade de experiências e podem distorcer realidades. A experiência dos pesquisadores brasileiros em Moçambique exemplifica a importância de narrativas plurais para compreender e respeitar a cultura e os desafios desse país multifacetado.

Conforme aponta José Francisco Ferreira de Oliveira, Professor Titular do Departamento de Mecânica do IFSP e doutor em Engenharia Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola (FEAGRI) da UNICAMP, o pesquisador mais experiente do grupo, a missão em Moçambique “destaca que responder à pergunta sobre o que essa expedição científica foi fazer lá na África revela a importância de conhecermos a troca cultural e científica para construir uma visão mais ampla e realista sobre o continente africano e as relações entre Brasil e Moçambique, contribuindo também para o fortalecimento de uma educação antirracista no IFSP”.

Desde o mês de setembro e novembro os pesquisadores envolvidos já promoveram algumas ações relacionadas à missão.

Em setembro, houve a ação Niketche e a experiência de mulheres em Moçambique promovida pelo *campus* Jundiá que teve como convidada a pesquisadora Cristiane Santana Silva e Christian Fernando dos Santos Moura no dia 30/09.

Em Outubro foram realizadas ações no *campus* de Presidente Prudente pela pesquisadora Patrícia Nunes, AFROIF Articulando-saberes (08/10). No dia 10/10, houve o Compartilhando experiências Moçambique no *campus* Matão com a pesquisadora Valquíria Pereira Tenório e pela pesquisadora Lorena Faria como parte da Semana de Ciência e

Tecnologia uma roda conversa de estudantes e servidores intercambistas no Campus Capivari no dia (25/10). No dia (30/10) ainda, ocorreu outra atividade no *campus* São Roque conduzida pelos pesquisadores Rodrigo Umbelino da Silva e Christian Fernando dos Santos Moura.

No mês de novembro, tivemos a formação continuada para docentes do *campus* São José do Rio Preto conduzida pelas pesquisadoras Andreia Cristina Fidelis e Valquíria Pereira Tenório. No dia 14/11, ocorreu também a ação direcionada para os discentes do curso de licenciatura em Pedagogia conduzida pela pesquisadora Andreia Regina Silva Cabral Liborio no *campus* Registro.

Além disso, contamos com outras ações previstas para o mês de novembro no dia 21/11 e 22/11 no *campus* Campinas Articulado-saberes NEABI/IFSP e Moçambique como parte da Semana da Consciência Negra, e será conduzida pelas(os) pesquisadoras(es) Tatiane Helena Borges de Salles, Huryrá Estevão, Caroline Felipe Jango da Silva e Jomar Borges dos Santos. A ação será realizada em horários distintos e para turmas diferentes para abarcar os estudantes de todas as modalidades de curso.

No dia 27/11, teremos a ação Afroif Articulado Saberes que será conduzida pela pesquisadora Andreia Cristina Fidelis no *campus* Votuporanga. Também nesta data teremos um encontro articulado com a Equipe de Formação Continuada do *campus* Guarulhos, conduzida por Cristiane Santana Silva.

Entre as ações realizadas e previstas contam-se 12 ações desenvolvidas pelo grupo de pesquisadores desde o retorno. No próximo ano, a ação será ampliada para que outros *Campi* possam receber as ações relacionadas ao projeto de internacionalização.